



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

RÔMULO ARTUR ALVES DA SILVA

GEOGRAFIAS AÉREAS
EM *TERRA DOS HOMENS* DE SAINT-EXUPÉRY

FORTALEZA

2019

RÔMULO ARTUR ALVES DA SILVA

GEOGRAFIAS AÉREAS
EM *TERRA DOS HOMENS* DE SAINT-EXUPÉRY

Trabalho de conclusão de curso, para obtenção do título de licenciado em Geografia no curso de graduação em Geografia - Licenciatura, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Orientador: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S583g Silva, Rômulo Artur Alves da Silva.
Geografias aéreas em terra dos homens de Saint-Exupéry / Rômulo Artur Alves da Silva
Silva. – 2019.
55 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro
de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.

1. Geografia e Literatura. 2. Ciência e Arte. 3. Geografia aérea. 4. Geograficidade. I.
Título.

CDD 910

RÔMULO ARTUR ALVES DA SILVA

GEOGRAFIAS AÉREAS
EM *TERRA DOS HOMENS* DE SAINT-EXUPÉRY

Trabalho de conclusão de curso, para obtenção do título de licenciado em Geografia no curso de graduação em Geografia - Licenciatura, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Orientador: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira (Examinador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Mestre Jesica Wendy Beltrán Chasqui (Examinadora)
Universidade Federal de Santa Maria (RS)

A Deus.
A minha mãe, Ana Luzia.

AGRADECIMENTOS

Devo confessar que fazer esse trabalho não foi tarefa fácil, mas que se tornou prazeroso com o passar do tempo. A geografia é uma ciência linda e deve ser reverenciada pela humanidade. Meus agradecimentos vão, portanto, para todos os que fizeram dessa caminhada uma oportunidade afável de aquisição de conhecimento.

A Deus, por ser o autor e consumidor de minha vida, e ter me feito levantar todas as manhãs com o fôlego de vida necessário para a nossa existência. Por ter ainda me guardado convicto no poder de sua Maravilhosa Graça.

A minha mãe, **Ana Luzia**, que é a minha principal inspiração de vida. Toda a sua garra, disposição e dedicação, me fizeram persistir nesse meu sonho e não desistir nas primeiras adversidades. Também agradeço de forma relevante aos meus demais familiares, como meus irmãos: **Ítalo e Ailton**; meus tios **Cleiton, Lucivânio e Antônio**. As minhas tias sempre muito amorosas, **Luziene e Maria José**. Minha avó, **Neci** e meu pai, **Edmilson**.

Aos meus amigos de graduação: **Mara, Ingrid, Lucas Venícius, Lucas Guilherme, Alan, Lídia, Ruth, Marcus, Alessandra, Nara, Nayuã, Pedro, Caio, Dálete, Leandro, Epaminondes, Ednilsa, Evilásio, Wellington, Avelino, Thainá, Jardel, Kevin e demais companheiros de turma**, por todo o apoio e credibilidade dada a mim. Pessoas incríveis que me fizeram acreditar ainda mais na pureza humana. Sempre com vossos gestos singelos de admiração, e contribuições intelectuais. Em especial a Mara Mônica, que sempre me instigou a aprender mais sobre geografia, fosse com perguntas, fosse com seus apontamentos sempre coerentes.

A meu amor incondicional, **Matize**. Agradeço todo o seu cuidado, atenção, carinho e paciência nos meus dias mais difíceis. Sempre me ajudando em meus trabalhos deixando-os mais coloridos e cheios de vida. Obrigado pelo apoio emocional e espiritual de todas as maneiras. Você vai longe, meu amor.

A **Jailson, Cícero, Guilherme, Jonathas, Jean, Zaqueu, Daniel e Gabriel**, amigos que levo do ensino médio para a vida. Meus mais sinceros

agradecimentos a cada um de vocês pela disponibilidade em ajudar sempre que precisei. Jamais conseguirei retribuir o que cada um de vocês fizeram por mim.

Aos amigos de bairro **Denner, Leonardo, Júnior, Davi, Levi, Victor e Válber**, por me fazerem acreditar que seria possível alcançar tal façanha mediante suas palavras sempre positivas e otimistas.

Aos meus amigos de trabalho como garçom durante seis longos anos no Cumbuco: **João Paulo, Valdir, Paulo César, Valdion, Whandersson, Whellison e Pedro**.

As amigas de bairro **Raylyne, Ana Alice, Sara, Socorro, Euda**, pelas vossas contribuições significativas nas minhas decisões acadêmicas. Tê-las como minhas amigas é uma honra.

E por fim e não menos importante, agradeço de maneira significativa a meus amigos (as) de laboratório: **Ivna, Maevy, Larisse, Jacquicilane, Antônio, Lídia, Messias, Lucas, Kevin** e meus professores. Em especial ao meu orientador de monografia, **Tiago Cavalcante**, e meu orientador de bolsa **Christian Dennys**, por suas gigantescas contribuições acadêmicas, intelectuais e de vida.

“No meu entender o ser humano tem duas saídas para enfrentar o trágico da existência: o sonho e o riso”.

Ariano Suassuna

RESUMO

Nesse trabalho, busca-se entender a relação entre geografia e literatura a partir da obra de Saint-Exupéry - *Terra dos homens*. O histórico da construção da geografia enquanto ciência demonstra vários momentos de aproximação e distanciamentos na leitura do espaço geográfico a partir da literatura, o que suscitou a curiosidade em entender melhor as atribuições desempenhadas por cada área apontada. Por isso, destacam-se algumas discussões que permeiam a dicotomia ciência/arte, a fim de que haja entendimento em relação ao papel que a geografia em consonância com a literatura pode desencadear na leitura de mundos vividos pela experiência do indivíduo em seu cotidiano. A geograficidade e geografias aéreas discutidas por Dardel são pontos cruciais no decorrer da argumentação ao traçar um paralelo com a geografia dos sonhos e do devaneio apresentada por Bachelard. Uma discussão que se propõe a pensar o *ser* enquanto agente pensante no mundo, e dos desdobramentos da visão superior dos acontecimentos a partir da narrativa poética de Exupéry.

Palavras-chave: Geografia e Literatura. Ciência e Arte. Geografia aérea. Geograficidade.

ABSTRACT

In this case, a relationship between geography and literature is sought to be understood from the work of Saint-Exupéry - *Land of Men*. The history of the construction of geography and science can have several moments of approximation and distance in the geographical space area, from the literature, which has a curiosity in better importance as attribution of activities for each area observed. Therefore, some discussions that permeate the science/art dichotomy stand out, in order to understand the role that geography in consonance with literature can trigger in the reading of worlds lived by the experience of the individual in his daily life. The geographicity and aerial geographies discussed by Dardel are crucial points in the course of the argument as it draws a parallel with the geography of dreams and the daydream presented by Bachelard. A discussion that proposes to think the *being* as a thinking agent in the world, and of the unfolding of the superior view of events from the poetic narrative of Exupéry.

Keywords: Geography and literature. Science and art. Aerial Geography. Geographicity

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Principais obras do Exupéry que destacam a vida como piloto.....	42
Figura 2 - Carta Sinótica.....	44
Figura 3 - Mapa meteorológico.....	44
Figura 4 - Visão oblíqua de São Paulo.....	47
Figura 5 – Visão superior da rodovia dos imigrantes.....	48
Figura 6 – Imagem - sensoriamento remoto.....	49
Figura 7 – Imagem - aerofotogrametria.....	49
Figura 8 – Mapa do percurso traçado pelo Correio Aéreo francês.....	51
Figura 9 – Visão Aérea de regiões montanhosas.....	51
Figura 10 - Visão noturna de um piloto.....	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relato de situações do cotidiano dos pilotos de avião.....	45
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 PERSPECTIVAS DE UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA.....	20
2.1 Dialogando com a interdisciplinaridade pela literatura.....	20
2.2 O caminhar de um diálogo entre ciência e arte.....	22
2.3 As ciências humanas entendidas pelo olhar da arte.....	24
2.4 O literato.....	27
3 GEOGRAFIA, ARTE E LITERATURA: A BUSCA POR UMA GEOGRAFIA AÉREA.....	30
3.1 Pelo direito de sonhar em Bachelard.....	32
3.2 Uma geografia literária em aperfeiçoamento.....	33
4 A GEOGRAFIA AÉREA EM <i>TERRA DOS HOMENS</i> DE EXUPÉRY.....	41
4.1 Dardel e o diálogo com a geografia aérea.....	42
4.2 O piloto enquanto descobridor de <i>mundos</i>	44
4.3 O piloto Exupéry e os trechos de vida e morte.....	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO



1 INTRODUÇÃO

Presumo que essa pesquisa teve seu ponto de partida desde a nossa primeira aproximação com uma geografia de possibilidades, que me fez pensar acerca das multiformes manifestações dos seres humanos na produção do espaço geográfico. Tendo como base de sustentação um apreço muito particular pela literatura, poesia e as artes, de maneira geral. Diante de tantas possibilidades de pensarmos a geografia, optamos por aquela que mais nos aproxima de uma discussão existencial.

Estamos num dado momento da sociedade em que muitos objetos estão sendo ressignificados, pelo menos ao nível de associação com a materialização destes. As formas de produção literária estão cada vez mais migrando para as novas tecnologias dentro de um movimento natural da sociedade contemporânea. No entanto, os elementos que compõem culturalmente a constituição de um livro, ainda dizem respeito à utilização de caneta, lápis e folhas para sua construção, sobretudo se levarmos em consideração a literatura mais regional como a de cordel (produção literária bastante difundida no sertão do nordeste brasileiro).

É dessa maneira que nos propomos a discutir uma geografia aérea a partir dos sonhos e da literatura. Os escritores nos trazem traços e elementos com muito cuidado e detalhe, de forma que passamos a entender melhor o objeto, situação ou lugar que está sendo narrado na obra. Conseguimos, portanto, nos aproximar ainda mais das geografias, aquelas vividas, experimentadas e sentidas das mais diversas formas do imaginário humano. O poder da imaginação é que nos faz mais humanos, pois, é a partir da construção *a priori* imaginária, que as coisas se materializam no mundo.

Essa forma mais sensível de analisar os fenômenos humanos sobre o globo proporciona para a ciência geográfica uma abordagem mais ontológica e ligada ao *ser* em si. Passa a sonhar com mais propriedade e galga novos ares, com o entendimento de que as relações homem-natureza, homem-lugar, homem-meio, estão imediatamente correlacionadas ao próprio existir, e não necessariamente as condições naturais/sociais impostas a cada indivíduo.

A geografia como forma de ciência há muito vem desenvolvendo métodos de estudos que a condicionem uma aproximação gradativa acerca do seu objeto de

estudo, que é o espaço. Logo, o espaço acontece (*a priori*) na superfície da terra a partir das manifestações e representações humanas. A relação ciência – arte é um ponto fundamental nessa busca, pois, é o *ser* que a partir do corpo (no espaço) realiza a dialética corporal do que é ou não possível.

Esse *ser (homem)* sempre foi agente de investigação da geografia. No entanto, agora com uma perspectiva de análise humanista, que amplia a definição do *humano* a partir das suas ações e produtos. Essa concepção humanística enriquece as investigações dos fenômenos geográficos e atividades humanas em relação ao seu meio de vivências. A Geografia Humanística se dispõe a entender as relações do homem com o espaço vivido, em que cada uma das experiências irão dar significados ao lugar de existência.

A cultura, de modo geral, tem adentrado cada vez mais como uma nova alternativa de abordagem na apreensão do espaço geográfico com estudos socioespaciais mais aprofundados nas experiências. A literatura como uma das modalidades da arte, tem contribuído de forma significativa para a leitura de mundos cada vez mais complexos e subjetivos, aproximando os homens do meio por eles valorado, significado ou ressignificado, produzido e simbolizado.

A respeito dessa relação homem-meio, nós nos debruçaremos sobre a geograficidade de Dardel, em que o autor discute a ontológica espacialidade do **ser-no-mundo** (DARDEL, 2011). Dessa forma, a experiência que produz conhecimento geográfico e geografias de mundo é considerada uma Geosofia, que são as experiências interpretadas e compreendida por cada homem que a tem. “A experiência é o aprender vivendo, e por isso é fonte de um conhecimento intuitivo vivido diretamente: **ser e estar no mundo**”. (MARANDOLA JR, 2010, p.24). Geograficidade e Geosofia apontam para o cerne da discussão da Geografia Humanista, que é a de não esgotar as discussões acerca da relação homem-Terra de forma não dicotômica. O pensamento geosófico nos propõe um pensar existencial, porquanto, trata-se de pensar nossa própria situação existencial no determinado recorte espaço-temporal da nossa condição terrestre.

A relação geografia-literatura é fundamental para a compreensão do ser artístico (o literato) com as experiências por este narradas ou materializadas de alguma maneira. A literatura sempre deslumbrou os geógrafos, sobretudo, durante o

século XIX e primeira metade do século XX, por sua capacidade de narrar de forma minuciosa e envolvente os detalhes na paisagem dos lugares e regiões. “A literatura, assim, está ‘associada’ desde o início aos trabalhos sobre o espaço vivido, campo que tem dado lugar a inúmeras investigações”. (BROSSEAU, 2007, p.21). Antes mesmo que a geografia fosse sistematizada como ciência, os naturalistas já se interessavam em usar a literatura como forma de interpretação dos pontos do globo ainda não conhecidos.

Este trabalho tem por finalidade trazer essas e outras discussões que se mostram pertinentes na tentativa de aliar as várias geografias à geograficidade com a literatura em Antoine de Saint-Exupéry e a sua obra “*Terra dos homens*”. Espera-se que cheguemos se não em respostas claras, pelo menos em discussões que nos levem a novas concepções na relação ciência-arte, geografia-literatura, homem-Terra, e tantas outras ambivalências que devem estar cada vez mais próximas do que distanciadas em seu enfoque de análise e contribuição para o desenvolvimento intelectual de ambas as partes.

Nossas indagações acerca do tema foram elaboradas a partir do que se apresenta até aqui como uma barreira para essas inter-relações, portanto, partiremos do pressuposto de que a análise de mundos, vivências e experiências a partir da literatura ainda é uma incógnita para a geografia. Dessa forma, nos questionamos:

- De que forma a literatura contribui com a compreensão da relação homem-Terra?
- A literatura como meio de análise geográfica, é base de conhecimento para entender as relações humanas?
- As geografias aéreas e dos sonhos contribuem de que forma na construção literária?
- Quais são as perspectivas de formação da sociedade a partir de uma visão aérea?

A busca por essas respostas dar-se-á a partir das leituras de obras hora mais acadêmicas, hora de cunho mais literário que nos levem por um caminho ou (já antecipando o que está por vir) por ares que nos direcionem para o entendimento do quão saldável é para a geografia o diálogo com a literatura e os novos mundos que

se abrem, sobretudo a partir da visão de cima - do avião, dos sonhos, do imaginário, que corresponde justamente ao que está destacado na obra supracitada do Exupéry.

Nossa intenção é trazer para a geografia mais academicista e metódica, uma diferente forma de ver o espaço geográfico, uma análise que leve em consideração as sensibilidades de um mundo experimentado e vivido.

2 PERSPECTIVAS DE UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA



2 PERSPECTIVAS DE UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA

A partir do que é exposto acerca da relação geografia-literatura atualmente, podemos apreender uma “tendência” da apreensão de uma abordagem cultural-humanística de perspectiva ontológica, que nos possibilita estudos coparticipativos nas realizações artísticas humanas. Sobre isso, devemos destacar a necessidade do homem em estabelecer uma oposição subjetiva entre o idealismo x materialismo.

O ser estabelece sua relação com o objeto muito antes de produzir no espaço geográfico uma relação de representação. Logo, O homem está condicionado a constituir uma relação com arquétipo do esquema mental em que o plano das forças essenciais (mentais e corpóreas) é projetado dialeticamente para desempenhar o plano genérico do ser em questão. A literatura, por sua vez, faz parte dessa objetivação nos revelando essa relação em processo.

A ideia é destacar esse ato humano de processar e objetivar as representações do imaginário, a partir do seu mundo. Podemos, portanto, conceber na relação espaço/objetivação um novo olhar sobre o mundo das coisas, em que qualquer realização de atividades humanas (literatura e a ciência, p.ex.), que são inerentes à existência humana durante as experimentações do ser, resulte em um ato criativo consubstancial. Em outras palavras, o que de fato surge da relação homem-objeto-espaço é a produção de um momento de criatividade única, que o traz novamente para a retórica subjetividade-objetividade.

2.1 Dialogando com a interdisciplinaridade pela literatura

A geografia e a literatura veem na poesia, uma forma de transfiguração da interação entre o ser (homem) e o existir (lugar), em que o plano da utopia nos convida para desvendarmos suas abstrações. É nesse sentido que essa relação entendida por nós como indissociável, constrói caminhos possíveis para uma relação saudável entre ciência e arte no ensino de geografia, por exemplo. Segundo Candido (2002), a literatura pode servir como fomentadora do processo de educação dos sujeitos para além das parametrizações de pacotes ideológicos pré-

estabelecidos, pois permite ao sujeito redescobrir o mundo em que o mesmo está inserido no sentido de construir um caminho para a liberdade intelectual. “Ela não corrompe nem edifica, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. (CANDIDO, 2002, p.85).

Nosso objetivo não é de buscarmos o engessamento da obra literária com base nas categorias, conceitos e teorias geográficas, no intuito de irmos até o texto e encontrarmos elementos que compõem a criação literária do autor, mas de identificar interpretações simbólicas que nos permitem a compreensão da obra pela possibilidade de intercruzamentos e paralelos que a ciência e a arte possibilitam a partir do espaço interdisciplinar possível. Quanto à interdisciplinaridade Barthes (1977, p. 155) entende que:

Na verdade, é como se a interdisciplinaridade que hoje é tida como um valor primordial na investigação não possa ser realizada pela simples confrontação de agências especializadas do conhecimento. A interdisciplinaridade não é a calma de uma segurança fácil, mas começa efetivamente [...] quando a solidariedade das velhas disciplinas quebra - para baixo talvez até com violência, através dos choques de moda - no interesse de um novo objeto e uma nova linguagem de nenhuma das quais tem um lugar no campo das ciências que estavam a ser levado pacificamente junto, este mal-estar na classificação sendo precisamente o ponto a partir do qual é possível diagnosticar uma determinada mutação.

A ciência geográfica tem buscado inovar enquanto nível de abordagem, dialogando com outros campos, entre eles o literário. Esse diálogo tem produzido experiências que culminam na interseção entre arte e ciência. Isto posto, a ciência geográfica ou as múltiplas geografias, por assim dizer, têm possibilitado a leitura de universos vividos sob diferentes enfoques e metodologias, corroborando para a compreensão de mundo que se expande a partir da soma entre o produto do artista (literatos [literatura]) e a leitura dos fenômenos geográficos, como concorda Nuñez (2010, p. 74) ao atestar que:

a literatura é uma arte; a geografia, uma ciência. A primeira atende a prerrogativa estética, valorizando, sobretudo, a capacidade de modelação da realidade e a dialetização da verdade com tudo o que é afirmativo da subjetividade e da imaginação; a segunda considera a dialética entre homem e natureza, a interrelação entre o caráter factual dos lugares e a dimensão existencial que a eles se agrega.

No princípio os homens buscavam várias formas de explicação para os fenômenos que os cercavam, entre eles podemos destacar o mito e o imaginário religioso. Explicações que, com o passar do tempo foram tornando-se insuficientes para deixar claro e compreensivo o entendimento das coisas. É nesse momento que surge a ciência. Esta, por sua vez, separa-se do mito e da religião por se sobressair em relação ao nível de comprovação e explicação dos fenômenos. Inicia-se neste ponto da história humana a divergência travada até os dias de hoje entre a realidade e o imaginário.

2.2 O caminhar de um diálogo entre ciência e arte

No final do século XIX, a ideia geral que se tinha era a da extinção dos estudos teológicos e metafísicos, no entanto, o que se constata na geografia contemporânea é um movimento totalmente avesso ao que se acreditava neste período de surgimento de boa parte das ciências modernas, os estudos estão cada vez mais próximos do imaginário popular, das experiências empíricas e das vivências humanas.

Valores, representações, intenções, subjetividade, identidade, enraizamento, experiência concreta e percepção eram noções mobilizadas para situar o sujeito no centro das preocupações dos geógrafos em suas reflexões sobre as relações homem-lugar. (BROSSEAU, 2007, p.29)

“A etimologia da palavra ciência vem do latim *scient* {conhecimento} derivado do verbo *scire* -,” (ANJOS, 2016, p.235). Refere-se a qualquer conhecimento ou prática sistemática. O termo faz referência ao corpo de conhecimento sistematizado adquirido das mais variadas formas, como por exemplo: observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos, e racionalmente formulados. Melhor dizendo, é o ato de compreender ou perceber o mundo das coisas a partir da razão e/ou da experiência tendo como base o método científico. Ao longo da história da ciência geográfica, vários métodos foram surgindo na intensão de abarcar as novas configurações nas relações humanas que foram revelando-se, principalmente com o advento das novas técnicas, que possibilitaram a criação de novas formas de comércio, trabalho, produção do espaço, e posteriormente com o início das tecnologias comunicacionais

e de localização. Em conformidade com esse pensamento, Morin (1999, p. 10) afirma que:

enquanto os físicos acreditavam, em 1900, que sua ciência suprema estivesse quase completa, essa mesma física começava uma nova aventura, arruinando seus dogmas. A pré-história das ciências não terminou no século 17. A idade pré-histórica da ciência ainda não está morta no fim do século 20. Mas em toda parte, cada vez mais, tende-se a ultrapassar, abrir, englobar as disciplinas... O pensamento deve tornar-se complexo.

Nesse sentido, a ciência é etnicamente complexa e intrínseca ao homem por ser inseparável do seu contexto histórico-social. No entanto, essa ideia de ciência paradigmática foi sendo dirimida com o passar dos anos, levando a ciência a um processo de metamorfose contínua. De forma que, o conceito construído durante séculos anteriores não pode ser considerado absoluto, tão pouco eterno. Destarte, há mais de trezentos anos que o conhecimento científico tem demonstrado estar preocupado com a verificação e descobertas relacionadas a todos os outros ramos de conhecimento. É necessário salientar que mesmo com esse processo de aproximação da ciência com as artes, esta exhibe por sua vez, particularidades no estabelecimento da relação entre homem-imaginário-criação, uma vez que as artes não dispunham de uma necessidade sistemática para a sua produção. “Arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia” (COLI, 2007, p.8).

A civilização da ciência com as suas “armas” em mãos, quais sejam: a lei, a regra, a precisão e os testes científicos, passaram a ser questionada em relação à necessidade de um reencontro do homem com a terra. Mais autenticidade na relação da natureza com o homem, pois as novas tecnologias mostraram-se cada vez mais incapazes de resolver problemas sociais.

A ciência não é capaz de resolver grandes questões éticas e sociopolíticas da humanidade sem que haja a interferência das experiências vividas. Há determinadas situações na sociedade, e na relação homem-meio, homem-homem, natureza-homem, que a ciência não é capaz de abarcar ou de provar com fórmulas ou dados estatísticos. A ciência é, além de uma construção da sociedade, uma produção cultural, visto que os homens desenvolvem uma manifestação poética, entendendo-a como criação/criatividade por seu intermédio, ou seja,

evidenciam e/ou descortinam o mundo no qual se inserem, e no qual uma série de conhecimentos ditos “senso comum” constituem uma infinidade de espectros de análise das experiências.

Desde os anos de 1970, há uma demanda para que as ciências humanas de modo geral, consigam produzir estudos e conhecimentos que tragam à tona de maneira paulatina a discussão acerca da relação dos seres humanos com o mundo vivido, identificando grupos sociais, ou para ser mais preciso, indivíduos que cotidianamente experimentam a espacialidade e elaboram signos e significados que estão repletos de práticas espaciais de localização e orientação, contribuindo para o entendimento e/ou compreensão da vida.

2.3 As ciências humanas entendidas pelo olhar da arte

As ciências humanas, no que lhe cerne, caminham atualmente por duas vias: a primeira mais vinculada à epistemologia e à metodologia positivistas das ciências naturais, que trazem consigo toda a carga teórica do século XIX; enquanto que a segunda via de cunho antipositivista, emergida numa tradição de leitura filosófica do mundo e do todo, busca aproximar-se mais das interpretações fenomenológicas, interacionistas, mito-simbólicas, hermenêuticas e existencialistas na tentativa de explicar nosso lugar no mundo.

A segunda vertente tem crescido muito nas últimas décadas do século XX, e na medida em que as ciências naturais foram se aproximando das sociais, estas se aproximaram das humanidades. Este ser, que a ciência moderna condenou a princípio como dotado de um conhecimento irracional ou dotado de um “senso comum”, regressa agora com a tarefa de erguer sobre si uma nova ordem científica. “Geografia e Literatura são duas formas de conhecimentos milenares que possuem raízes comuns e uma relação histórica indissociável. A modernidade, no entanto, encarregou-se de separá-las, colocando-as em duas “gavetas” distintas: Ciência e Arte” (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 487).

Neste sentido, o papel das ciências humanas, e aqui mais especificamente da geografia, é o de desvendar o cotidiano que o homem confere significado ao mundo, seja ele no imaginário ou na sua forma mais concreta de

simbolismo. A ideia principal é perceber a arte como um forte indicador cultural e de grande capacidade na revelação dos sentidos, capazes de apresentar-se em sintonia com a ciência.

Temos hoje certa aproximação entre a criação científica e a criação literária ou artística no geral, uma vez que a arte tem procurado dar vida, cor, sabores, sons, e sensações àquilo que a ciência expressa de forma imediata, pronta, acabada e inamovível sob a forma do conceito. Conseqüentemente, o discurso científico tem se aproximado progressivamente do discurso da crítica literária, pois as produções artísticas nos fornecem elementos distintos para a compreensão do mundo vivido, e surgem a partir do entendimento das experiências de cada artista, ou seja, não há como padronizar uma análise, pois cada artista (literato) é dotado de um mundo muito próprio e pessoal, intangível, acessível apenas por meio da exposição de suas obras. Assim como assegura Araújo (2006, p. 91):

nas linhas e entrelinhas do discurso literário é possível descortinar, sentir, visibilizar e ler narrativas que, permeadas por conteúdo da existência do autor, expressam histórias de amor e de ódio, de vida e de morte, de sucesso e de fracasso, enfim, de sonhos, de fábulas e de fantasias. Essas histórias, protagonizadas por sujeitos criados pelo próprio autor, são tecidas sob um substrato espacial.

Essa referência ao mundo simbólico faz-nos lembrar do símbolo que contém ou contempla de maior valor e/ou expressão, visto que o significado lhe é atribuído pelo indivíduo ou grupo social, fazendo com que qualquer elemento natural, um objeto criado pelo homem, algo concebido no imaginário, ou mesmo o modo de vida cidadão, pátria, enfim, qualquer coisa que possa expressar valor para o homem, pode também ser revestida de valores simbólicos. Em vista disso, meio a um universo simbólico ao qual integram elementos essenciais a sua identidade encontra-se o homem e sua língua, religião, tradições, ciência e a arte, que não podem ser negligenciadas nessa forma de ver a ontologia.

“No caso da etimologia, a palavra arte vem do latim *ars* {técnica e/ou habilidade} –“ (ANJOS, 2016, p.239). Sendo entendida como a atividade humana que está diretamente ligada a manifestações de ordem estética exercida a partir das emoções, ideias, aspirações e apreensões com objetivo de estimular a consciências dos espectadores, com a produção, sobretudo, de um significado unitário e

diferenciado para cada obra. A necessidade pela arte é tão antiga quanto à própria existência humana, pois é a arte a responsável de reproduzir o vivido, adornando o dia-a-dia e trazendo consigo a evidência de elementos que normalmente passam despercebidos, narrando e esclarecendo a história e as estórias (por que não?) da exploração do mundo e do próprio ser, lhe atribuindo grande progressão cultural dos homens.

Neste contexto, no entendimento de novas posturas da ciência, filosofia e da arte, estas partindo para um ponto até então utópico de inter-relação indissociável entre as três, para deixar-se de entender a ciência tradicional como único veículo da verdade absoluta, e caminhando na direção de uma reinvenção de uma geografia mais aberta a literatura e a arte, na contribuição do entendimento do que vem a ser a geograficidade e as várias geografias.

Apesar de atualmente nos parecer acessível dentro da ciência geográfica, é importante salientar que até bem pouco tempo essa suposição de alinhar estudos geográficos com a literatura soava como um ato herético da “religião” que trabalha hora com dados, hora com a crítica marxista. Lembrando que, a ideia não é criticar esses métodos da ciência geográfica, mas abrir outras possibilidades a partir do reconhecimento de nossas limitações enquanto ciência em eterna construção interdisciplinar. A ideia de junção entre literatura e geografia não encontrava coro dentro da academia, mas com o passar do tempo percebeu-se (ou vem se percebendo ainda), a interseção inevitável entre a educação formal (ensino mais engessado da ciência geográfica) e o trabalho com a poesia, por exemplo, ou outros canais de expressão.

A arte é, portanto, um objeto de análise dentro das produções culturais com evidentes pretensões científicas. É um fenômeno social, que parte da ação produtiva do homem a partir da cultura, pois, faz parte da existência humana mantendo conexões bastante próximas à construção histórica, contudo, produz e possui sua própria história nesse contexto.

Sendo conduzida por tendências que surgem, a arte se desenvolve e se metamorfoseia com a variação do foco de convergência, que pode ser: religioso, étnico, social e político. Baseado nessas concepções chegou-se às perguntas: o que seria a arte? Para que ela serve? A sua essência é constituída de que? Qual sua

relação com a ciência? Arte (literatura) e geografia podem se correlacionar? Quais os ganhos para ambas as áreas?

A verdade é que ao longo da história da humanidade estas e outras questões perduram há séculos, e possivelmente ainda continuarão em pauta buscando uma resposta que contemple de forma aceitável e única para todos. (BAUMGART, 1994, p. 1-2) sustenta a ideia de que:

desde a pré-história a atividade artística servia à interpretação do mundo e do homem no mundo. O primeiro legado da humanidade depois das ferramentas mais simples, antes que houvesse arquitetura, música, literatura etc., foram pinturas e esculturas. Com elas inicia-se a história da humanidade propriamente dita e a história da arte.

2.4 O literato

Pode-se estipular, portanto, que os artistas são tão importantes para a civilização humana quanto os cientistas, os matemáticos, os filósofos, os reformadores, os políticos e os grandes líderes, entendendo que a arte é uma inevitabilidade básica, assim como dormir, comer, entre outras necessidades exclusivas para a existência humana, como a oração para a religião, os mapas para a cartografia, enfim, porque satisfaz a carência de tornar visível a beleza sentida por todos.

Essa produção da arte na vida dos seres humanos só é possível porque a arte parte do pressuposto que converte a matéria ofertada pela natureza e pela cultura. Portanto, podemos dizer que qualquer atividade humana desde que conduzida por um objetivo comum, pode ser chamada de artística. A arte pode ser ainda um meio de comunicação que permite aos seres que estão permanentemente fechados, transpor as fronteiras do seu isolamento e se correlacionar com o outro, passar a compreender e comunicar-se pelos mesmos nichos de símbolos e em harmonia. Dessa forma, a literatura surge como um traço de sutileza na leitura dos fenômenos geográficos, assim como afirma Lajolo (1982 p. 7-8):

a literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem.

Dentro de toda essa discussão temos a imagem do literato e seu exercício de reflexão na qual o mesmo escreve e reflete acerca das suas experiências de modo ideológico, cultural, político e econômico. A sua participação no mundo é fundamentalmente na criação das indagações, críticas e sugestões na transformação dos modelos pré-estabelecidos que fazem parte da sociedade. São esses artistas que movem no âmago do *ser* a promoção de emoções e sensações, como Steiner (1998, p. 34) sugere:

continuidade do espírito que atua no mundo; ele continua a Criação onde o espírito divino a abandonou. Ele apresenta a arte como a continuação livre da evolução natural. Com isto o artista se eleva acima da vida real comum e leva consigo quem consegue aprofundar-se em suas obras. Ele não produz para o mundo finito; ele o transcende.

É, portanto, um agente fundamental nessa composição de mundos, nos levando a uma experiência de vida a partir da leitura que, ultrapassa nossas expectativas enquanto experiências. A produção literária atende aos interesses do leitor, pois, não é uniforme e/ou dogmática. A escrita tem o poder de fazer do leitor um ser ativo em suas interpretações, e esse se torna o grande triunfo do trabalho desenvolvido pelo literato. Sua produção torna-se pública após ser produzida e cada obra contribui de forma significativa para que o *homem* compreenda melhor seu lugar no *mundo*.

3 GEOGRAFIA, ARTE E LITERATURA: A BUSCA POR UMA GEOGRAFIA AÉREA



3 GEOGRAFIA, ARTE E LITERATURA: A BUSCA POR UMA GEOGRAFIA AÉREA.

A ciência e a arte são entendidas, em sua ampla maioria, como narrativas e visões de mundo que se diferenciam enquanto conceitos, categorias e linguagem. A arte e a ciência são dispostas atualmente como distintos campos do conhecimento, sendo consideradas até desconexas para alguns pesquisadores. Todavia, não é isso que a história humana nos revela, pois, durante o decorrer dos séculos houve momentos de aproximação e ruptura entre arte e ciência.

O primeiro momento de ruptura deu-se durante o século XVII, em que o racionalismo e conseqüentemente o uso da razão passou a ser o ponto medular no desenvolvimento de teorias consideradas científicas. O seu principal idealizador foi Descartes, que: “diante de uma tradição escolástica em que as espécies eram concebidas com entidades semimateriais, semiespirituais, é separar com exatidão mecanismo e pensamento, o corporal sendo inteiramente reduzido ao mecânico” (SARTRE, 2008, p.13). Melhor dizendo, Descartes utilizando-se de uma linguagem genuinamente matemática se comprometia com o estudo do racional, ocasionando assim, a ruptura entre a ciência e a subjetividade, já que imagens, signos e sensações não podiam ser compreendidos em sua essência.

Este período da história humana é deveras marcado pela utilização de modelos matemáticos e métodos empiristas, que fragmentavam ainda mais as ciências, e Descartes não pode ser considerado o único culpado disso, visto que, seus estudos apenas refletiam os ideais e as necessidades de sua época

Como outrora citado, nós temos também nesse período a emergência do empirismo de Francis Bacon, que também serviu de base para a constituição da ciência geográfica durante a modernidade, sobretudo com as companhias de exploração na África (MOREIRA 2010, p.11).

Houve durante esse período um desenvolvimento teórico abundante, promovido por diferentes pensadores daquela época, que proporcionou uma matiz muito vasta e nova de possibilidades instrumentais para as ciências. Essas possibilidades de mensurar tudo que houvesse enquanto material, fosse ela visível, palpável e concreta, forneceu-lhes um grande conjunto de dados, fortalecendo o

empirismo e propiciando a matematização das coisas e do mundo de conhecimentos subjetivos, como afirma:

aplicação das descobertas matemático astronômicas de Isaac Newton; o aperfeiçoamento do instrumental e científico, alcançado por J. Hadley entre outros; o melhoramento do quadrante ou da divulgação do teodolito; o processo geodésico, e, sobretudo, a intensificação das ações coloniais. (AGUILAR, 1967, p.223-224).

Destaca-se nesse caso o aprimoramento na produção de mapas na geografia, em contrapartida, a ciência de modo geral teve mais perdas do que ganhos com esse período analisado, pois se tornou mais fragmentada e generalizada, surgindo cada vez mais subáreas, inclusive nas ciências humanas:

Devido a contínua e generalizada institucionalização acadêmica e não acadêmica das atividades intelectuais, multiplicam-se as disciplinas nas ciências sociais e em cada uma destas. A economia política e a sociologia, a história e a geografia, a antropologia e a psicologia subdividem-se em distintos e cada vez mais especializadas disciplinas. (IANNI, 2004, p.9)

O retorno da relação entre artes e ciências sempre foi profícua, pois as artes sempre auxiliaram no desenvolvimento de novas teorias e novas maneiras de representar o espaço. A partir do século XVIII e início do século XIX o racionalismo que era a principal linha de pensamento para se entender os fenômenos no mundo, perdeu força e passou a ser criticado, principalmente com o surgimento do romantismo. Este, por sua vez, questionou o caráter secundário dado à natureza até então, além de fazer uma análise crítica acerca do racionalismo exacerbado na interpretação dos fenômenos sociais. É isso que faz Lacoste afirmar:

A partir do século XVIII, se caracteriza, de um lado, pela vinculação da beleza as produções de certas artes e de outro lado por uma definição dessa beleza que faz nascer de um prazer “estético”, mais ou menos puro, mas em todo caso radicalmente subjetivo, mergulha suas raízes na filosofia platônica (LACOSTE, 1986, p.10).

Diante disto, devemos ter o entendimento de que a ciência e as artes são diretamente influenciadas pela sociedade vigente, pelos interesses das elites, territoriais, enfim, pelas inclinações do contexto socioespacial e socioeconômico que vigoram. Defronte a toda essa contextualização, nos deparamos com uma geografia mais contemporânea que, além de estabelecer uma correlação entre ciência e arte – geografia e literatura, nos permite irmos além e voar sonhando.

3.1 pelo direito de sonhar em Bachelard

Em uma projeção Bachelardiana, a geografia tem o direito de sonhar, com base nos estudos de uma fenomenologia geográfica. Enquanto geógrafos, Bachelard nos adverte acerca da nossa condição de explorador de paisagens e lugares, que segue procurando o preenchimento do que ele vai denominar de nossos “espaços vazios” nos nossos “mapas de sentimentos”. O geógrafo deve sempre estar de olhos bem abertos para novos horizontes, que se projetam no universo da imaginação considerando-a como a potência maior da natureza humana. O objetivo é chegarmos a uma fenomenologia da imaginação para contemplar a poética do espaço assim como afirma Bachelard:

Um filósofo que formou todo o seu pensamento atendo-se aos temas fundamentais da filosofia das ciências, que seguiu o mais exatamente possível a linha do racionalismo ativo, a linha do racionalismo crescente da ciência contemporânea, deve esquecer o seu saber, romper com todos os hábitos de pesquisas filosóficas, se quiser estudar os problemas propostos pela imaginação poética. (Bachelard, 1960/1988, p. 1)

É esse impulso de imaginação que se vislumbra despertar no indivíduo, a fim de projetar o horizonte dos sonhos e sua consciência poética que até então se encontra adormecida naquele leitor modesto, mas que pode no devir da ação inovadora da linguagem poética, reivindicar o direito de sonhar em geografia a partir desta mesma linguagem. Acreditamos na fenomenologia do imaginário, seguindo os pressupostos estabelecidos por Bachelard, em que a imaginação é colocada em primeiro lugar no instante em que o devir psíquico se revela. Marandola Jr e Gratão (2003, p.6) afirmam:

No sonho, podemos não apenas realizar coisas fisicamente impossíveis, mas também alterar as barreiras têmporo-espaciais. Uma das maneiras mais freqüentes de fazer esta viagem é a lembrança e a transposição para espaço-tempos não-materiais ou pretéritos.

Esse mundo de imaginação poética é, portanto, um mundo que se forma a partir do nosso devaneio, ou seja, um mundo que é exclusivo de cada indivíduo que o projeta. E as possibilidades desse mundo sonhado nos habilitam ao nosso engrandecimento pessoal nesse universo próprio. Bachelard, como grande amante dos livros declara a importância dos livros e dos documentos quando afirma: “[...] digamos em algumas palavras onde, em nossa solidão, sem possibilidade de

recorrer a sondagens psicológicas, devemos procurar os nossos documentos. Eles vêm dos livros – toda a nossa vida é leitura” (Bachelard, 1960/1988, p.24).

A leitura é para o psiquismo moderno, uma maneira de transpor os fenômenos psíquicos, aquilo que a escrita já transpôs. Dessa forma, qualquer livro é dotado de uma monotonia, porém é permanente, pois temos que ler o que está escrito já que para nós ele se trata apenas de um objeto. “[...] Antes de mais nada, é necessário um bom desejo de comer, de beber e de ler. É preciso desejar ler muito, ler mais, ler sempre.” (Bachelard, 1960/1988, p. 26), ou seja, é a felicidade de poder desvendar novos mundos a partir da leitura particular, que faz do leitor um ser atuante no mundo dos sonhos, assim o desejo em ler deve ser alimentado todos os dias. Uma questão de hábito que deve tornar-se uma necessidade para a própria sobrevivência do indivíduo

Essa perspectiva nos revela uma tomada de consciência dos sujeitos a partir do vislumbre pelas imagens poéticas, e nesse sentido é que a poesia e as escritas que transbordam sensibilidade como em *Terra dos Homens* de Exupéry, nos mostra os benefícios da inter-relação proposta entre geografia-arte para a releitura de espaços cada vez mais complexos e dinâmicos, no sentido de que as relações carecem ser analisadas sob a ótica das emoções e sentimentos.

Atemo-nos a tratar dos sonhos em Bachelard, por ser esse talvez, um dos únicos engajados de nos permitir sonharmos na geografia contemporânea. Ele ressalta a importância dos poetas, da poesia, dos detalhes, e da forma como conseguimos enxergar o mundo, tanto que pondera o poeta. [...] A língua dos poetas deve ser aprendida diretamente, precisamente como a linguagem das almas. “[...] O devaneio nos põe em estado de alma nascente” (Bachelard, 1960/1988, p. 14-15).

3.2 Uma geografia literária em aperfeiçoamento

A geografia acadêmica, sobretudo, é constantemente questionada acerca das suas metodologias na tentativa de analisar os fenômenos sociais, isso faz com que essa ciência, mesmo que de forma tímida, busque uma constatação de evolução em suas formas de estudo na relação homem-natureza. No entanto, a geografia de

modo geral é considerada ainda uma ciência muito preocupada com parâmetros, principalmente os estatísticos e de localização.

A crítica que se faz é sob a dependência da geografia tradicional em estabelecer fronteiras, vales, montanhas, rios, e tudo isso ter que serem considerados inamovíveis, estáticos e intransponíveis. Tanto que, em outro livro de sua autoria (O Pequeno Príncipe), Exupéry apresenta um diálogo entre o “princezinho” e o geógrafo, em que podemos perceber essa especificidade, como podemos ler:

O sexto Planeta era dez vezes maior. Era habitado por um velho que escrevia livros enormes.

- Bravo! Eis um explorador! Exclamou ele, logo que viu o princezinho. O princezinho assentou-se na mesa, ofegante. Já viajara tanto!
- De onde vens? Perguntou-lhe o velho. – Que livro, esse? Perguntou-lhe o princezinho. Que faz o senhor aqui? – Sou geógrafo, respondeu o velho.
- Que é um geógrafo? Perguntou o princezinho. – É um sábio que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os desertos.
- É bem interessante, disse o princezinho. Eis, afinal, uma verdadeira profissão! E lançou um olhar em torno de si, no planeta do geógrafo. Nunca havia visto planeta tão majestoso.
- O seu planeta é muito bonito. Haverá oceanos nele? – Como hei de saber? Disse o geógrafo.
- Ah! (O princezinho estava decepcionado). E montanhas? – Como hei de saber? Disse o geógrafo. – E cidades, e rios, e desertos?
- Como hei de saber? Disse o geógrafo pela terceira vez.
- Mas o senhor é geógrafo!
- É claro, disse o geógrafo; mas não sou explorador. Há uma falta absoluta de exploradores. Não é o geógrafo que vai contar as cidades, os rios, as montanhas, os mares, os oceanos, os desertos. O geógrafo é muito importante para estar passeando. Não deixa um instante a escrivaninha. Mas recebe os exploradores, interroga-os, anota as suas lembranças. E se as lembranças de alguns lhe parece interessante, o geógrafo estabelece um inquérito sobre a moralidade do explorador.

- Por quê?
- Porque um explorador que mentisse produziria catástrofes nos livros de geografia a. Como o explorador que bebesse demais.
- Por quê? Perguntou o príncipezinho. – Por que os bêbados veem dobrado. Então o geógrafo anotaria duas montanhas onde há uma só.
- Conheço alguém, disse o príncipezinho, que seria um mau explorador.
- É possível. Pois bem, quando a moralidade do explorador parece boa, faz-se uma investigação sobre a sua descoberta.
- Vai-se ver?
- Não. Seria muito complicado. Mas exige-se do explorador que ele forneça provas. Tratando-se, por exemplo, de uma grande montanha, ele trará grandes pedras. O geógrafo de súbito se entusiasmou:
- Mas tu vens de longe. Tu és explorador! Tu me vais descrever o teu planeta! E o geógrafo, tendo aberto o seu caderno, apontou o seu lápis. Anotam-se primeiro a lápis as narrações dos exploradores. Espera-se, para cobrir à tinta, que o explorador tenha fornecido provas.
- Então? Interrogou o geógrafo.
- Oh! Onde eu moro, disse o príncipezinho, não é interessante; é muito pequeno. Eu tenho três vulcões. Dois vulcões em atividade e um vulcão extinto. A gente nunca sabe...
- A gente nunca sabe, repetiu o geógrafo.
- Tenho também uma flor.
- Mas nós não anotamos flores, disse o geógrafo.
- Por que não? É o mais bonito!
- Porque as flores são efêmeras.
- Que quer dizer efêmera?
- As geografias, disse o geógrafo, são os livros de mais valor. Nunca ficam fora de moda. É muito raro que um monte troque de lugar. É muito raro um oceano esvaziar-se. Nós descrevemos coisas eternas.
- Mas os vulcões podem se reanimar, interrompeu o príncipezinho. Que quer dizer efêmera? – Que os vulcões estejam extintos ou não, isso dá no mesmo para nós, disse o geógrafo. O que nos interessa, a montanha. Ela não muda.

- Mas que quer dizer efêmera? repetiu o príncipezinho, que nunca, na sua vida, renunciara a uma pergunta que tivesse feito.
- Quer dizer ameaçada de próxima desapareção.
- Minha flor está ameaçada de próxima desapareção?
- Sem dúvida. Minha flor, efêmera, disse o príncipezinho, e não tem mais que quatro espinhos para defender-se do mundo! E eu a deixei sozinha! Foi o seu primeiro movimento de remorso. Mas retomou coragem:
- Que me aconselha a visitar? perguntou ele.
- O planeta Terra, respondeu-lhe o geógrafo. Goza de grande reputação... E o príncipezinho se foi, pensando na flor. (SAINT-EXUPERY, 2009, p. 28-29).

Saint-Exupéry nos faz pensar acerca do engessamento da geografia produzida em sua época, devido à forma como os geógrafos interpretavam as relações humanas na época. É importante que contextualizemos o recorte têmporo-espaial desse autor. Antoine Marie Roger de Saint-Exupéry nasceu em Lyon, na França em 1900. Ele cresceu ao passo em que as pesquisas de Santos Dumont e dos irmãos estadunidenses Wildur e Orville Wright, se desenvolviam acerca da criação do primeiro avião.

Sua paixão por aviação tornara-se clara durante sua adolescência, fazendo com que aos 21 anos de idade ele já fosse piloto civil, e aos 26 trabalhar no correio aéreo. Sua experiência como piloto lhe garantiu muitas experiências, que o faziam sentir-se apto em exprimir durante a produção das suas principais obras, críticas que fazem os geógrafos, vez ou outras, repensarem para onde vai essa geografia das vivências.

Em *Terra dos Homens (2016)*, Saint-Exupéry contribui de forma significativa para a geografia aérea, que nos propomos a discutir nesse trabalho. Sua narrativa nos apresenta elementos geográficos que nos faz refletirmos acerca de uma visão aérea provida de elementos que facilmente passam despercebidos em nossas análises, ainda que não explicitados, e é nesse ponto que devemos nos ater. A geografia que evidenciamos nessa obra é independente de padrões que nos conduziriam para uma geografia dogmática, ou mesmo uma geografia que não atende as necessidades do ser que vive, experimenta e dialoga com o mundo sonhado.

Nessa obra fica vidente a necessidade de se pensar a geografia sob novos aspectos, inclusive o do sonho, do imaginário, e dos símbolos que fazem parte do mundo dos signos. Por esse motivo que Antoine também deixa claro em *Terra dos Homens* sua crítica à geografia, e mais especificamente aos geógrafos:

Tirávamos assim do esquecimento, de sua inconcebível obscuridade, detalhes ignorados de todos os geógrafos do mundo. Porque só o Ebro, que mata a sede das grandes cidades, interessa aos geógrafos. Não aquele córrego escondido sob a erva a oeste de Motril, aquele pequeno córrego que alimenta umas trinta flores... "Desconfie deste córrego, ele encharca os campos... Tome nota dele na carta." Ah, eu haveria de me lembrar da serpente de Motril! Parecia não ser nada. Com seu leve murmúrio, ela talvez apenas enfeitiçasse e atraísse algumas rãs— mas estava sempre vigilante, não dormia. No paraíso do campo de emergência, estendida sob a erva, ela me esperava, a dois mil quilômetros de distância, pronta, na primeira ocasião, a me transformar em uma tocha flamejante... (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.18).

Esse trecho mostra como a geografia ainda carece de atentar para os detalhes. Esses detalhes, como temos visto até o momento, nos remete intrinsecamente ao despertar de um novo pensar em geografia. Uma nova forma de analisarmos aquilo que está se mostrando dispensável no espaço geográfico, de forma mais aprofundada, delegando o devido valor às coisas que nos cercam de modo geral.

O percursor da geografia fenomenológica, Eric Dardel, entende que o conhecimento geográfico deve estar voltado para o entendimento dos signos ocultos da Terra, na tentativa de mostrar para o *homem* a importância da sua relação saudável e recíproca com a natureza (Terra). Para isso, o homem, enquanto espécie deve estar preocupado em como essa relação se dará, como o próprio Dardel aponta:

O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino. Não se trata, inicialmente, de um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença (Dardel, 1952/2011, p. 2).

Esse mesmo pensamento é seguido por Bachelard quando em sua mente imaginante, nos conduz para um espaço geográfico, manifestando a essência do poético em geografia. Esse diálogo entre esses dois autores que dão embasamento

para o que até o momento tem nos representado uma relação indissociável entre a geografia a arte, guia Dardel a expor que:

Múltiplas são as modalidades sob as quais a realidade geográfica conduz, através de símbolos e de suas imagens, para além da matéria. A água, por exemplo, em uma função idealizante, aquela do espelho que amplia, repete e enquadra. Nela o mundo se contempla e “tende à beleza” (Bachelard). Rio, lago ou mar, a superfície das águas presta homenagem ao universo e à poesia. A água não é somente o espelho com o qual a Terra se estende ao céu, às árvores, às montanhas. Ela mistura as imagens que se levantam das profundezas e aquelas que se referem ao céu ou à costa. A intimidade da substância líquida suaviza o dourado frio do reflexo, e cria um mundo de formas moventes que parecem viver sob o olhar. (Dardel, 1952/2011, p. 37)

Eric Dardel é movido na produção de *O Homem e a Terra* por um entusiasmo, encantamento e apelo poético, que o faz ler a relação *homem-natureza* de forma apaixonada à luz de Bachelard. Sua escrita nos ajuda a interpretar a vida que a literatura incorpora ao pensamento geográfico, pois a sua interpretação de mundo parte da construção de uma geograficidade.

Essa geograficidade encontrada nas obras de Dardel, Bachelard e Saint-Exupéry, pode ser definida pela capacidade dos três de interligarem os conceitos geográficos aos conhecimentos do cotidiano, do imaginário em suas mais diversas escalas e independente da história de vida do indivíduo que está sendo alcançado pelas suas obras. Uma das provas dessa interdisciplinaridade praticada de forma poética por esses três autores é exposta pelo Dardel quando afirma:

[...] uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de frequentar os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino. (Dardel, 1952/2011, p. 1-2)

Yi-fu Tuan, também influenciado pela escrita poética de Bachelard, escreve uma verdadeira declaração de amor pela natureza apresentado pela *Topofilia*, quando se debruça na discussão acerca dos lugares. Seguindo a lógica dos outros três personagens centrais nessa discussão, Tuan também contribui com sua crítica aos geógrafos e comenta:

Geógrafos, acho que podia dar tempo fora de suas funções práticas e juntar aos poetas retratando o esplendor da terra. Isso não significa que devemos começar a descrever paisagens e rígidos planos em alguma data futura, quando deve abranger toda a terra com estes retratos. Não é necessário planejar, certamente não tem nenhuma obrigação para descrever qualquer área que não temos um carinho especial ou um fascínio inexplicável. Geógrafos têm vantagem sobre arquitetos, urbanistas e outras pessoas de vida selvagem que não corresponde a julgar imediatamente. Como poetas e artistas, têm maior prazer em saborear os frutos da terra. (Tuan, 1961, p. 32)

Esse espaço onírico fortemente reinterpretado por Dardel, e sua obra e linguagem poéticas quando correlaciona mundo-solo-Terra, continua iluminando e despertando os que buscam por uma leitura de mundo mais sensível, mais excêntrica e profunda na perspectiva fenomenológica. Por isso mesmo ele projetou essa geografia do vivido, das experiências e experimentações de um *ser-onírico*, que produz a cada consulta do que viria a ser essa tal relação *homem-Terra*, uma geografia que envolve e penetra no mundo dos sentidos, explorando de forma mais abrangente as vias do imaginário.

“E então nos sentimos perdidos no espaço interplanetário, entre cem planetas inacessíveis, a procura do único planeta verdadeiro, do nosso, do único planeta onde estavam nossas paisagens familiares, nossas casas amigas, nossas ternuras.”

(SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.26)

4 A GEOGRAFIA AÉREA EM TERRA DOS HOMENS DE EXUPÉRY



4 A GEOGRAFIA AÉREA EM *TERRA DOS HOMENS* DE EXUPÉRY

Encontramos em Exupéry ideias que não se detém apenas ao plano dos pensamentos, mas a uma concepção de mundo em que ele constrói raízes vivenciais profundas, que nos aproxima da sua insistente consciência imaginativa e poética.

Essa imaginação pujante tem suas origens, sobretudo, em relação a sua profissão e a forte ligação com sua infância na construção de memórias afetivas. Seu forte sentimento de estabilidade familiar faz com que Exupéry sempre retome ao ceio da noção de lugar, todos os elementos destacados em suas narrativas sempre abundantes de traços singulares de drama e vislumbre com o existir/estar.

E então nos sentimos perdidos no espaço interplanetário, entre cem planetas inacessíveis, a procura do único planeta verdadeiro, do nosso, do único planeta onde estavam nossas paisagens familiares, nossas casas amigas, nossas ternuras. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.26)

O jornadear do Saint-Exupéry nos leva a percebermos um certo teor de “anti-intelectualismo”, quando em sua narrativa fica claro seu apego ao simbolismo e as funções deste, no momento em que realiza um processo associativo dentro de uma interpretação abstrata em que o real vivenciado, experimentado e sentido são correlatos quando o autor fala do deserto, árvores, pedras e etc. Esses objetos integram de forma natural os cenários e a mobilidade das personagens romanescas.

Agora a argila de que és feito já secou, e endureceu, e nada mais poderá despertar em ti o músico adormecido, ou o poeta, ou o astrônomo que talvez te habitassem. Não me queixo mais das lufadas de chuva. A magia do ofício abre para mim um mundo em que enfrentarei, dentro de duas horas, dragões negros e cumes coroados por uma cabeleira de relâmpagos azuis. Nesse mundo, quando vier a noite, livre, lerei meu caminho nos astros. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.23).

Antoine foi responsável ainda pela produção de outras obras (Figura 1) além de *Terra dos homens*, que tal como esta, destacou com a sua narrativa ímpar o cotidiano da vida dos pilotos que trabalhavam nas linhas aéreas de carga no início do século XX. Sua narrativa fixa-se nas emoções e impressões que os pilotos

captavam acerca dos acontecimentos que os cercavam durante o desempenhar de suas funções.

Figura 1: Principais obras do Exupéry que destacam a vida como piloto.



Fonte: Google, 2019.

4.1 Dardel e o diálogo com a geografia aérea

Dardel, por sua vez, concilia o pensamento imagético de Exupéry com a discussão geográfica a partir da geograficidade, que se refere à concretude da relação homem-Terra. Essa relação torna-se perceptível quando do amor pelo solo natal, ou pela vontade de conhecer o planeta como um todo. O interesse do homem sempre estará ligado à busca pelos símbolos ocultos da Terra, ou seja, os fenômenos que nos fazem sermos seres dotados de historicidade e práticas espaciais que nos capacitam a entendermos a própria condição humana. A geograficidade no sentido de Eric Dardel é:

“geograficidade refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma fixação existencial. (DARDEL, 2011, p.42)

E (NOGUEIRA, 2004, P.10247) contribui para a compreensão do conceito quando afirma que:

Essa “geograficidade” só é possível na relação Ser e Mundo, da qual fala a fenomenologia, daí termos nos fundamentado nela para compreender a relação homem-terra. Debate tão levantado pela ciência geográfica. A terra aqui, sendo vista, para além dos seus aspectos físicos, compreendida como lugar de vida.

A discussão acerca do espaço geográfico sempre esteve muito ligada à superfície da Terra, e sobre no que nela acontece. No entanto, iremos concentrar nossa discussão dos fenômenos geográficos num ambiente, que de cara já se mostra inóspito. Os altímetros que indicam a pressão atmosférica sob o corpo do piloto mensurada em inHg (polegada de mercúrio), muito tem a dizer sobre as diversas mudanças de pressões que ambos já vivenciaram ao longo das viagens que, de uma forma ou de outra, restabelecem no fim de todo o circuito aéreo aquela sensação cuja pressão de 1atm (Atmosfera de pressão) é que se torna estranha para os que vivem de voos.

Quando os motores começam a trabalhar, quando o avião já sulca o mar, seu casco soa como um gongo ao choque das marolas e o piloto sente esse trabalho no tremor de seus rins. Sente que o hidravião, segundo por segundo, à medida que vai ganhando velocidade, vai se enchendo de poder. Sente preparar-se, naquelas 15 toneladas de matéria, a maturidade que permite o voo. O piloto firma bem as mãos no comando e, pouco a pouco, em suas palmas cerradas, recebe aquele poder como um dom. Os órgãos de metal do comando, à medida que lhe entregam esse dom, se fazem mensageiros de sua potência. Quando ela está madura, o piloto separa o avião das águas e o eleva no ar com um gesto mais leve que o de colher uma flor. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.48).

Portanto, devemos levar em consideração como campo propício para a produção do espaço geográfico a atmosfera e não apenas a superfície. É a partir da atmosfera que as nuvens se formam, aquelas mesmas nuvens que trazem chuva tão aguardada, pedida e venerada em determinadas áreas áridas ou semiáridas do globo, mas que por outro lado provoca turbulência em aviões, impede a subida de balões, e torna-se um risco para qualquer objeto que esteja sobrevoando na mesma altitude ou sob o “paredão” de água englobada em pequenas partículas de impurezas e aerossóis suspensos na baixa troposfera. Dardel (2011). Por isso da importância de mapas meteorológicos e cartas sinóticas (Figuras 2 e 3), ferramentas imprescindíveis para o trabalho seguro de qualquer piloto.

Figura 2: Carta Sinótica.

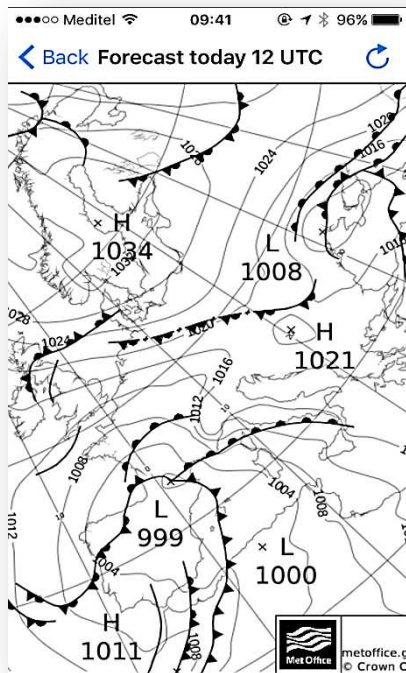
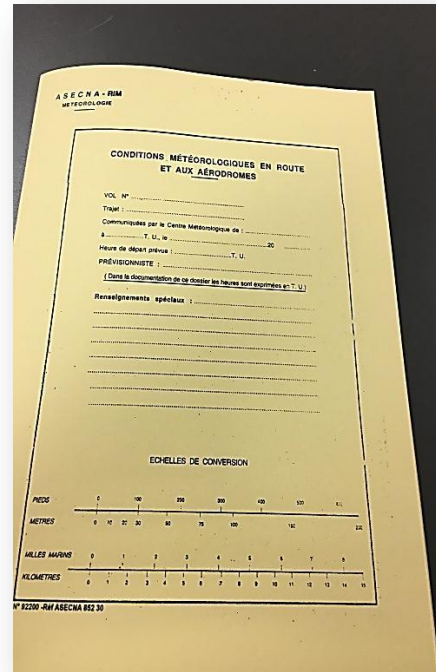


Figura 3: Mapa meteorológico.



Fonte: <https://www.euroga.org/articles/trips/back-to-africa>.

“Vejam, o mundo parece muito diferente daqui de cima... venham ver por si próprios, venham!” (WEIR, 1989).

4.2 O piloto enquanto descobridor de *mundos*

O homem de uma maneira geral, há muito vem tentando romper com essas barreiras impostas pela própria natureza, no sentido de fazer dos céus um lugar mais frequentado.

Isaac Newton foi um dos percursores na discussão acerca da gravidade, desenvolvendo várias pesquisas que explicavam o motivo pelo qual os planetas e suas respectivas luas nunca mudavam suas órbitas e direcionamento. Algo as atraía. Anteriormente, outros físicos e artistas com é o caso de Leonardo da Vinci, que tem em sua bagagem de criações a célebre designação de ter sido o primeiro a

pensar em um helicóptero (denominado pelo artista de parafuso helicoidal aéreo) ainda durante o século XV, é um exemplo clássico.

O fato é que posteriormente a Newton, o nome mais conhecido para tratarmos acerca da gravidade é o de Albert Einstein, que desenvolveu a Teoria da Relatividade e a Física Quântica, que muito nos interessa, pois abriu portas para uma infinidade de universos possíveis a partir da materialização que tanto nos prende fora do mundo imaginário a partir das fórmulas matemáticas para comprovação.

No entanto, acreditamos que os Incas, Maias, ou ainda as tribos africanas “Ata Sakuma, Mama Kolé, Ata Kpésu” (RIVIÈRE, 2018, p.40) já sabiam da existência de vários mundos possíveis, inclusive aqueles que remetem ao espiritual e transcendental.

Néri e eu sentimos uma brusca e enorme alegria. A li nós éramos os senhores—eis o que aquilo nos fazia descobrir. Então aquele cabo não havia notado em nossas mangas que já éramos capitães? Ele nos vinha perturbar em nosso sonho, quando, muito gravemente, viajávamos entre a Grande Ursa e o Sagitário; quando o único assunto que nos podia preocupar pessoalmente era aquela traição da Lua! (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.28)

Dessa maneira, O piloto, para além de ser um mero condutor de aviões, é também um ser que sente, enxerga, ouve e experimenta paisagens. É através do olhar sempre atento de um piloto que conseguimos desenvolver este trabalho. No entanto, assim como em qualquer profissão, no ar também há seus contratemplos, por isso mesmo, os pilotos necessitam de acompanhamentos psicológicos e testes bastante rigorosos quando em suas admissões. A tabela 1 no apresenta trechos da fala de alguns pilotos que foram entrevistados por um site de notícias. Percebe-se que as falas são sempre carregadas com tons de desabafo.

Tabela 1: Relato de situações do cotidiano dos pilotos de avião.

Relatos de pilotos de Avião
<p>“Estou constantemente preocupado em carregar menos combustível do que acho confortável. Empresas Aéreas estão sempre olhando para os limites, e você queima combustível quando carrega combustível. Algumas vezes, se você carrega só o suficiente e enfrenta tempestades ou atrasos, de repente está sem combustível e precisará ir a um aeroporto alternativo” – Comandante de uma grande empresa.</p>

<p>“Às vezes a companhia não nos dá pausas para almoço ou até tempo para comer. Nós temos que atrasar voos para conseguir comer alguma coisa.” – Primeiro Oficial de transportadora regional.</p>
<p>“A verdade é que nós estamos cansados. Nossas regras de trabalho nos obrigam a estar em serviço por 16 horas sem intervalo. São muitas horas a mais que um motorista de caminhão, que podem descansar na próxima parada, nós não podemos parar na próxima nuvem” – Comandante de uma grande empresa.</p>
<p>“Um avião voa para uma corrente ascendente, a qual não conseguimos ver no radar à noite, é como um solavanco de 500 milhas por hora. Joga tudo para o alto e para baixo com violência. Isso não é o mesmo que turbulência, que chacoalha tudo por algum tempo” – John Nance, analista de segurança na aviação e comandante aposentado</p>
<p>“Se você é tem medo de voar, marque um vôo de manhã. O calor do solo mais tarde causa correntes de ar, e é mais comum tempestades com trovões à tarde.” Jerry Johnson, piloto.</p>
<p>“Pilotos dormem? Sim. Às vezes é só um cochilo de 10 minutos, mas acontece” – John Creaves.</p>

Fonte: <https://jornalggn.com.br/cultura/costumes/o-que-dizem-os-pilotos-de-aviao/>

Uma visão superior/vertical (também chamada de aérea ou oblíqua) favorece ao observador, pois, lhe fornece mais elementos para a percepção da organização espacial, como por exemplo, a distribuição residencial em uma determinada cidade, localização de áreas industriais ou fábricas de modo geral, campos de produção agrícola, áreas de recreação e reservas ambientais. Na medida em que favorece essa visão mais ampla, diminui a capacidade de detalhes detectada numa observação mais despretensiosa.

Em *Terra dos Homens*, Exupéry foge dessa visão literalmente superficial, e o autor busca uma maior aproximação com o real, com os detalhes. Pois, trata-se de uma geografia aérea de menores altitudes e, portanto, mais próxima do solo.

Com o avião aprendemos a linha reta. Logo que decolamos abandonamos essas estradas que se inclinam para os bebedouros e os currais, ou serpenteiam de cidade em cidade. Libertados, desde logo, das servidões queridas, libertados da necessidade das fontes, apontamos a proa para o alvo longínquo. Só então, do alto de nossas trajetórias retilíneas, descobrimos o embasamento essencial, o fundo de rocha, de areia, de sal em que, uma vez ou outra, como um pouco de musgo entre ruínas, a vida ousa florescer. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.49)

A visão oblíqua, ou seja, aquela que pega parte da visão superior e parte de uma visão lateral, dando a noção de profundidade para os elementos da paisagem, se explica pelo fato da altitude máxima que os aviões conseguiam chegar na época em que Saint-Exupéry trabalhou como piloto.

Obedecem ao jogo das agulhas, não mais ao desfile das paisagens. Lá fora as montanhas estão mergulhadas nas trevas, mas não são mais montanhas. São potências invisíveis das quais é preciso calcular a aproximação. O radiotelegrafista toma nota de cifras sob a lâmpada, sossegadamente; o mecânico aponta o mapa e o piloto corrige a rota se as montanhas se afastaram do rumo, se os cumes que ele queria passar pelo lado esquerdo se erguem em sua frente no silêncio e no segredo dos preparativos militares. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.24)

As figuras 4 e 5 destacam essa capacidade de enxergar a materialização de um arranjo espacial geográfico, seja na cidade ou no campo, ou ainda na interseção de ambas as paisagens. O atual e o antigo convivendo e se correlacionando como podemos observar:

Figura 4: Visão oblíqua de São Paulo.



Fonte: Google, 2019.

Figura 5: Visão superior da rodovia dos imigrantes.



Fonte: Google, 2019.

Então somos transformados em físicos, em biólogos, examinando essas civilizações que enfeitam o fundo dos vales e às vezes, por milagre, se estendem como parques onde o clima as favorece. Então podemos julgar o homem por uma escala cósmica, observando-o através de nossas vigias como se fora através de instrumentos de estudo. Então releemos a nossa história. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.50).

A geografia aérea nos possibilita essa abertura de podermos enxergar as transformações de forma mais abrangente e ampla. Por isso mesmo que a todo o momento os geógrafos recorrem a técnicas e tecnologias de obtenção sobre informações da superfície da terra. É conhecido que a geografia se utiliza de várias formas para a captura de imagens aéreas. O *sensoriamento remoto*, que se caracteriza pela separação entre a câmera fotográfica e o satélite artificial, é um dos exemplos. Outra forma de registrar imagens aéreas (essa, por sua vez, bem mais aproximada da superfície e da nossa proposta) é a *aerofotogrametria*, que permite a representação de objetos em um plano, e sua visão em três dimensões. As figuras 6 e 7 mostram exemplos práticos dessas técnicas na captura de imagens com a visão superior:

Figura 6: Imagem - sensoriamento remoto.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 7: Imagem - aerofotogrametria.



Fonte: Google, 2019.

4.3 O piloto Exupéry e os trechos de vida e morte

O deserto do Saara sempre se configura como uma fonte inesgotável de inspiração para Exupéry. Devemos lembrar que as principais aventuras vivenciadas pelo Pequeno Príncipe têm como pano de fundo justamente esse que é o deserto com a maior extensão territorial do planeta. Em *Terra dos homens* o autor destaca suas principais experiências vividas quando fez parte da equipe do correio aéreo que faziam sobrevoos da Europa para a África e para a América do Sul. O início da obra é muito voltado às memórias que Exupéry tem sobre seu trabalho, destacando o seu início na profissão e o papel fundamental desempenhado pelos seus amigos Guillaumet e Mermoz. Sua escrita é rica em detalhes e influências do romantismo, no entanto, o autor não se nega a nos trazer traços do realismo e até mesmo um existencialismo mais pragmático, quando em seu livro apresenta pensamentos profundos acerca da existência humana.

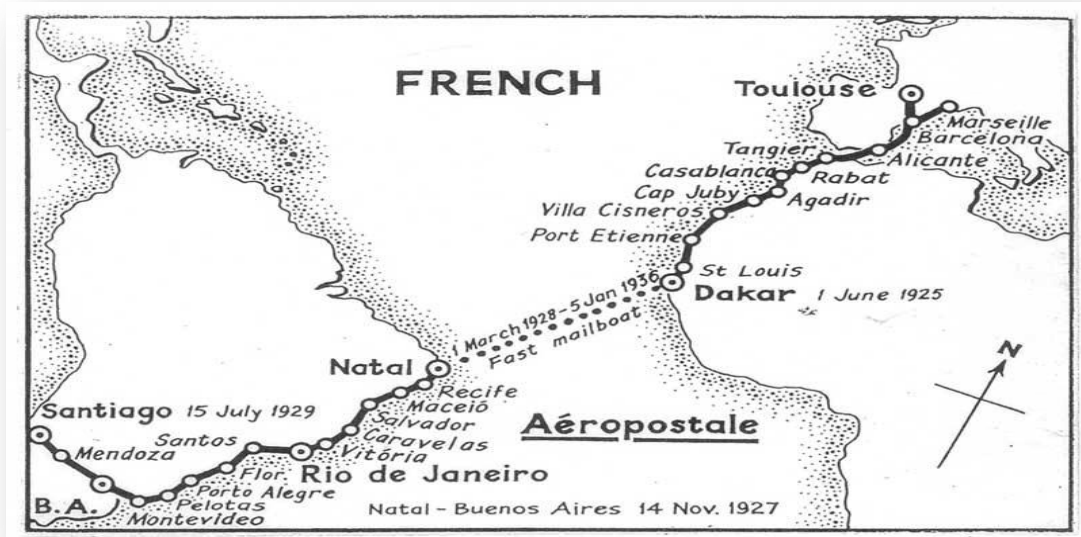
"Fiz o que pude e não tenho mais esperança; por que me obstinar no martírio?" Bastava fechar os olhos para fazer a paz no mundo. Para retirar do mundo os rochedos, o gelo, a neve. Logo que as pálpebras milagrosas se fechassem, já não haveria mais os golpes, nem os tombos, nem os músculos doridos, nem o gelo ardente, nem esse peso da vida quando a marcha de um homem é como a marcha de um boi e quando o peso da vida é mais pesado que um carro. Você já gozava aquele frio que era veneno, aquele frio que era morfina enchendo o corpo de beatitude. Sua vida refugiava-se em torno do coração. Alguma coisa de precioso e doce encolhia-se no centro de seu ser. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.41).

Alguns de seus amigos foram os responsáveis por criar a linha Casa Blanca à Dakar. Então sua rota partia de Toulouse na França, atravessava a Espanha (onde Exupéry também faz algumas observações da paisagem).

Assim, pouco a pouco, a Espanha de minha carta se transformava, sob a lâmpada, em um país de conto de fadas. Marquei com uma cruz os refúgios e as ciladas. Assinalei aquele fazendeiro, aqueles trinta carneiros, aquele córrego. No seu lugar exato assinalei aquela pastora desprezada pelos geógrafos. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.19).

Após o “sufoco” espanhol, o próximo trecho sobrevoado pelo piloto não era menos assustador na época, tratava-se do trecho do deserto do Saara, que incluía os países Marrocos e Mauritânia, até o Senegal. Dali em diante o destino era a América do Sul, trecho que também trazia bastante preocupação para os pilotos da época, pois se referia as montanhas extremamente altas, dadas as condições de altitude para os aviões naquela época. (Figuras 8 e 9).

Figura 8: Mapa do percurso traçado pelo Correio Aéreo francês.



Fonte: <https://www.euroga.org/articles/trips/back-to-africa>.

Figura 9: Visão Aérea de regiões montanhosas.



Fonte: <https://www.euroga.org/articles/trips/back-to-africa>.

Dessa forma, Antoine nos anuncia um enredo dramático, pois a todo o momento ele deixa claro a sua luta diária pela vida. Cada dia tinha o seu valor. Buscava aprender mais com seus companheiros mais experientes, sobreviventes acima de tudo. Toda a obra deixa clara as dificuldades enfrentadas pelos primeiros pilotos de avião. Essas dificuldades foram, talvez, a grande inspiração para que pilotos como Exupéry, conseguissem ter tantas histórias para contar acerca do seu trabalho-aventura. Devemos considerar a importância dessas personagens para o desenvolvimento tecnológico da humanidade, pois foram eles os primeiros a sofrer com a falta dela de maneira adequada para sua segurança.

O uso de um instrumento sábio não fez de você um técnico seco. Sempre me pareceu que as pessoas que se horrorizam muito com nossos progressos técnicos confundem o fim com o meio. Na verdade, quem luta apenas na esperança de bens materiais não colhe nada que valha a pena viver. Mas a máquina não é um fim. O avião não é um fim: é um instrumento. Um instrumento como a charrua. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.46).

Terra dos homens deixa claro que são as práticas que definem o espaço, ou seja, o espaço assume formas diferentes a depender de como se vivencia as experiências propostas pela existência. As paisagens, como por exemplo, o deserto do Saara vai se modificando durante o decorrer da obra, conforme as experiências de Exupéry também vão se tomando novos traços.

Senti uma alegria tumultuosa; Neri curvou-se para mim e percebi que ele cantarolava. Só podia ser o ponto de escala, só podia ser o seu farol porque, à noite, o Saara inteiro se apaga e forma um grande território morto. A luz, entretanto, cintilou um pouco e se extinguiu. Havíamos apontado a proa para uma estrela, visível em seu ocaso por alguns minutos somente, no horizonte, entre a camada de brumas e as nuvens! (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.26).

A noite para o piloto sempre é narrada como horas de trabalho ainda mais difíceis, dada as más condições de visibilidade. A felicidade encontra-se fincada quando surgem na linha do horizonte aéreo as luzes de uma cidade (figura10). Quando não estão sendo enganados pelas luzes das estrelas, os pilotos comemoram a chegada próximo de qualquer resquício de civilização, pois sabem que sobreviveram a mais uma jornada imprevisível.

Figura 10: Visão noturna de um piloto.



Fonte: <https://www.euroga.org/articles/trips/back-to-africa>.

A alegria, o desespero e solidão, são sentimentos que ficam bastante evidenciados durante a narrativa, mostrando que um único *ser* é capaz de sentir todos estes de forma muito próxima uma da outra. Por fim, o objetivo é sempre nos mantermos vivos seja qual for à condição ou dimensão.

“Quando tomamos consciência de nosso papel, mesmo o mais obscuro, só então somos felizes. Só então podemos viver em paz e morrer em paz, pois o que dá um sentido à vida dá um sentido à morte.” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.145).

5 Considerações finais

Pensar e repensar a geografia nunca serão tarefas fáceis. Ainda mais em se tratando da sua capacidade de articulação com outras ciências que, de uma forma ou de outra compõem essa ciência rica em detalhes. Em função disso, a pesquisa aqui apresentada procurou demonstrar as mais variadas formas de diálogo entre geografia e literatura, a fim de guiar as análises geográficas a uma leitura de mundo mais próxima da realidade do homem – na Terra.

A arte de forma geral, e mais especificamente a literatura, tem o importante papel de nos levar a *mundos* outrora desconhecidos. Dessa forma, novas perspectivas de relações humanas se apresentam na imagem projetada dos *mundos* apresentados pelos literatos, que fazem do seu trabalho uma ferramenta primordial para a ciência geográfica. Passamos a entender com a utilização da literatura, as formas mais íntimas do *ser*, com aquele nível de detalhamento, que apenas um artista é capaz de alcançar.

A demanda constante por uma geografia cada vez mais atual/atuante faz dos geógrafos cientistas que procuram sempre estar se renovando enquanto seus métodos ao abordar o espaço geográfico. A geografia aérea entra nessa concepção na medida em que as tecnologias foram avançando, sobretudo a partir do final da Primeira Guerra Mundial, em que o *homem* passou a desenvolver equipamentos que voavam cada vez mais altos e estáveis durante o voo. Esses avanços permitiram a geografia utilizar-se de imagens aéreas que permitiam uma observação de forma mais integral acerca da área de interesse.

Exupéry é, portanto, uma das figuras mais célebres quando tratamos dessa relação geografia-literatura, pois ele narra com maestria e singularidade as formas das geografias vigentes por todos os locais em que fazem parte da sua narração. Mostrando que as montanhas, os rios, os desertos e planícies são importantes para o contexto das barreiras naturais impostas ao *homem*, mas que os laranjais e/ou pequenas vilas espanholas, por exemplo, também fazem parte do todo. Essa unidade é que nos permite realizarmos análises do *ser* levando em consideração suas experiências/vivências.

A relação geografia-literatura pode avançar em suas aplicações, sobretudo, se pensada de forma sistemática em que a obra literária não é apenas

uma fonte de consulta para apreensão da realidade, mas a materialização dessa realidade sob o olhar de um literato. As narrativas que se agrupam aos elementos naturais e/ou sociais para se chegar a um ponto em comum, que são as relações humanas. Sem ela, não haveria motivos para estarmos aqui discutindo essas interdisciplinaridades, pois são os *homens* que primeiro descobrem os questionamentos sobre a existência humana, para depois desvelarem sob a ótica da ciência ou da arte. As inquietudes da alma humana, que vez por outra, desperta com a intenção de buscar no *mundo das coisas* uma explicação para os fenômenos sociais/naturais. Inquietude essa, que fez o homem desde sempre querer voar. No início para sentir-se livre, mas com o tempo voar passou a significar observação, movimento, tecnologia.

Tanto geografia enquanto ciência, quanto a literatura no campo das artes, podem continuar sondando uma a outra na hora das criações, pois as perspectivas demonstra uma maior necessidade de voltarmos às análises mais cuidadosas acerca dos fenômenos. Análises que configurem elementos detalhados e atendam às necessidades humanas.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, José. **História da cartografia**. Georama, Ed. Codex, Rio de Janeiro, 1967.
- ANJOS, Melissa. Breves apontamentos sobre a relação entre geografia e literatura. **Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 10, n. 3, p. 234-247, dez./2016.
- ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. **Geografia e literatura**: representações espaciais na tessitura romanesca de José Lins do Rego. Revista Sociedade e Território, Natal, v.18, n. 1/2, p. 89-112, jan./dez., 2006.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio** (Antônio de Pádua Danesi, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (1988). (Originalmente publicado em 1960).
- BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTHES, R. **Image Music Text**. Londres: Fontana Press, 1977.
- BAUMGART, Fritz. **Breve história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- BROSSEAU, Marc. **Geografia e literatura**. Literatura, música e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 17-78, 2007.
- CANDIDO, A. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.
- IANNI, Octavio. **Variações sobre arte e ciência**. Tempo social, v. 16, n. 1, p. 7-23, 2004.
- LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte**. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1986.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura?** 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MARANDOLA JR, Eduardo. Geograficidades vigentes pela literatura. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da (Orgs.). **Geografia, literatura e arte**: reflexões. Salvador: EdUFBA, p. 21-32, 2010.
- MARANDOLA JR, Eduardo e OLIVEIRA, Lúvia de. **Geograficidade e Espacialidade na Literatura**. Geografia. Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, Set./Dez. 2009.
- MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Do sonho à memória**: Lúvia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. GEOGRAFIA (Londrina), v. 12, n. 2, p. 5-20, 2003.
- MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Uma Interpretação fenomenológica na Geografia**. In: SILVA, Aldo Dantas; GALENO, Alex (organizadores), *Geografia: Ciência do Complexus*. Porto Alegre: Sulinas, 2004.

NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. **Uma Odisséia no espaço**: a geografia na literatura. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Temas e caminhos da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 73-113.

RIVIÈRE, Claude. **Representação do espaço na peregrinação africana tradicional**. *Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, N.07, p.59-67, JAN/JUN de 1999.

SAINT-EXUPERY, Antoine. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro. 2009.

SAINT-EXUPERY, Antoine. **Terra dos homens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SARTRE, Jean Paul. **A imaginação**. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2008.

STEINER, Rudolf. **Arte e estética segundo Goethe**. 2. Ed. São Paulo, Antroposófica, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980. Tradução de Livia de Oliveira.

WEIR, Peter. **Sociedade dos poetas mortos**. EUA, 1989. (Filme).